

## O mensageiro da paz

TENDÊNCIAS/DEBATES

**Opinião - MARCO AURÉLIO MENDES DE FARIAS MELLO, ministro do Supremo Tribunal Federal**

Imagens há que, de tão definitivas, grafam-nos a memória indelevelmente, formando acervo personalíssimo. Às vezes de modo à primeira vista até imperceptível, essas representações acabam por delinear-nos fortes sentimentos e, alfim, a própria identidade. No baú de íntimas emoções que cada qual traz consigo, carregam-se também falas, gestos, olhares expressivos, pausas plenas de significado. Alguns desses momentos vêm a determinar, ainda que de maneira indireta, a caminhada de muitos, talvez como norte bem definido, ou como silencioso farol, tal a importância do aprendizado que deixaram.

Na minha jornada, entre diversos episódios relevantes, despontam vários ensinamentos ligados à trajetória do sumo pontífice.

O primeiro deles aconteceu há mais de 20 anos, quando de sua visita inaugural ao Brasil. A felicidade era manifesta e, de pronto, os brasileiros irmanamo-nos inteiramente num coro uníssono de boas-vindas. Espalhou-se essa nossa alegria tão característica por todo o país, estampada em branco e amarelo, em janelas, nas roupas dos transeuntes, nas bandeiras agitadas por aqueles que aguardavam perfilhados a passagem daquele papa amoroso e amigo, cuja saudação consistia em beijar reverentemente o solo que pisava, logo ao desembarcar, atitude a denotar profunda humildade. Assim, o pastor procurava ministrar, com o favor do próprio exemplo, a prática das virtudes cristãs a todo o seu numeroso e fiel rebanho.

Naquela tarde de junho de 1980, ao falar, em português, aos brasileiros, o "papa sorriso" começou com uma singela advertência: "Se eu errar, corrijam-me". Quanta sabedoria! Ele, a vergar sob o peso da infalibilidade prescrita nos dogmas católicos,

despojava-se de forma tão simples e amena da afeição dos grandes, da vaidade incoerente dos poderosos. Calou-me profundamente aquela frase rica de simbolismos. Seguramente, muito havia a aprender com aquele que iniciava um dos mais profícuos pontificados de nossa era e que mais tarde se revelaria ao mundo como o porta-voz da conciliação, o artífice da congregação de todas as religiões a serviço da paz entre os povos, numa tentativa incansável de consolidar a harmonia entre os homens.

Nessa cruzada diuturna pela paz universal, João Paulo 2º continua lançando sobre a Terra sementes de sensatez e esperança que não tardam a germinar, pois a centeia divina que habita no coração dos homens sempre haverá de prevalecer, resgatando-os das trevas da discórdia para trazê-los de volta à luz para a qual foram criados.

***João Paulo 2º continua lançando sobre a Terra sementes de sensatez e esperança que não tardam a germinar***

Em tão laborioso mister, o supremo sacerdote prega o perdão como bálsamo maior, a aliviar as persistentes chagas que dilaceram a civilização humana. Proclama que não se restabelece a ordem violada senão conjugando **a justiça** e o perdão. "Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão", conclama, lembrando ser este o mesmo perdão oferecido pelo Pai Eterno diariamente em face das nossas imperfeições e numerosos pecados, a mesma misericórdia de que necessitamos quando, diante do reconhecimento das próprias fraquezas e erros, pretendemo-nos merecedores de compreensão, à guisa de uma nova oportunidade para recomeçar.

E esclarece ainda o papa, com a paciência dos sábios, que o perdão se opõe ao rancor e à vingança, nunca à justiça. Tal mensagem soa como o cântico dos cânticos nesses tempos em que ódios raciais e étnicos sangram as entranhas do planeta, apartando até quem se diz comungar dos princípios cristãos mas que, in-

Continuação: O mensageiro da paz

felizmente, não atentam para as palavras de Sua Santidade quando, recomendando a tolerância, considera que a verdade, uma vez alcançada, jamais pode ser imposta, porquanto "o respeito à consciência alheia permite apenas propor a verdade ao outro". Agir de forma contrária significaria, então, "violar a dignidade do ser humano e, em última instância, ultrajar a Deus, de quem aquele é a imagem". Sobeja coerência desse entendimento na mesma proporção em que nos falta prudência em não aquiescer imediatamente a tal comando.

Do alto de sua superior envergadura moral, imenso na inalcançável serenidade e absoluta lucidez, o men-

sageiro da paz nos brinda com a possibilidade de uma vida plena, fundada na pedagogia do perdão e, acima de tudo, nos insubstituíveis alicerces da fé. Mais que suas lições de bondade e ternura, certamente um exemplo de tamanha grandeza há de servir-nos como resplandecente e imorredoura estrela guia, ao tempo em que confirma o infinito e renovado amor de Deus para com os homens.

---

**Marco Aurélio Mendes de Farias Mello**, 57, é ministro do **Supremo Tribunal Federal**, que presidiu de 2001 a 2003.